

O EMBASAMENTO ARQUETÍPICO DA LITERATURA FLORBELIANA
Uma Análise da Poesia de Florbela Espanca à luz
da Psicologia Analítica Jungueana

Renata Soares Junqueira (UNICAMP)

À minha orientadora

Creio poder alicerçar a poética¹ de Florbela numa conexão de arquétipos que se alternam no conjunto de sua obra, complementando-se reciprocamente e estabelecendo um processo arquetípico evolutivo e observável desde o Livro de Magoas, Livro de Soror saudade, Charneca em Flor até Reliquiae.

Observo, porém, que embora transitem livremente por toda a poesia em questão, pode-se constatar uma maior ou menor influência de cada um desses arquétipos, de acordo com o livro de que se trate, ou seja, parece haver um arquétipo preponderante para cada um dos livros citados, dando origem a uma sequência arquetípica de caráter cíclico que confere à poesia de Florbela o seu incontestável poder de deslumbramento.

No que diz respeito ao Livro de Magoas, por exemplo, noto que ele se sustenta principalmente no arquétipo do herói, que pode ser elucidado pelo estabelecimento de um vínculo entre o folclore, a mitologia e a poesia de Florbela: a heroína deste livro parece semelhante à heroína folclórica da lenda A Bela e a Fera e, simultaneamente, à heroína mitológica Psique.

O Livro de Magoas apresenta a heroína, sem identidade e desamparada, que procura desesperadamente por um príncipe cristalino, capaz de refletí-la integralmente, o qual, no entanto, por um feitiço malévolo do Destino, tomou o aspecto de uma terrível Fera e não pode revelar à triste donzela que sob a sua aparente monstruosidade oculta-se uma esplendorosa beleza principesca. Parece tratar-se de uma cruel brincadeira do Destino que, mascarando o verdadeiro príncipe, acaba por afastá-lo da anargurada heroína:

"O meu Destino disse-me a chorar:
Pela estrada da Vida vai andando,

E, aos que vires passar, interrogando
Acerca do Amor, que há-de encontrar.
(...)
Agora pela estrada, já cansados,
Voltam todos pra trás desanimados...
E eu paro a murmurar: 'Ninguém o viu!...'”²

No entanto, tendo em conta a fusão das lendas, noto que a imagem da Bela pode se ajustar perfeitamente à imagem de Psique - a linda menina-borboleta que está muito próxima de Eros, mas, infelizmente, não pode observar o seu rosto.

Da mesma maneira tornam-se patentes, na poética de Florbela, a imaterialidade e a fugacidade do homem arado - características justificadas pela incompatibilidade dos mundos subjacentes às duas personagens: o fantástico Príncipe vive no país das quimeras, e a heroína pertence a um mundo real e torturante.

A impossibilidade de identificação do amante-arado significa, para Florbela, o desconhecimento de sua própria identidade - noto, então, que o encantamento do Príncipe é extensivo à heroína que, por sua vez, também não pode desvendar o seu próprio mistério.

Este duplo encantamento - o do Príncipe e o da Princesa - é o principal responsável pela marginalidade de Florbela à sociedade humana:

“Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que choram triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...”

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!” (“Eu”-p.39)

O conflito poético deriva, portanto, do violento embate entre o sonho e a realidade, já que todas as investidas da heroína ao obscuro mundo de seu Príncipe são estorvadas por um assustador dragão que cospe espinhos pelas ventas: a vida real.

“As minhas Ilusões, doce tesoiro,
Também as vi levar em urna de ouro,
No mar da Vida, assim...urna por urna...”
 (“As Minhas Ilusões”-p.46)

Já no Livro de Soror Saudade, parece-me que Florbela é a mesma Princesa Encantada, na incessante busca do único que pode salvá-la - o seu “Prince Charmant”:

"Em toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...
- Nunca se encontra Aquele que se espera!..." (p.88)

No entanto, trata-se de uma princesa que se distingue das demais por ter sido implacavelmente perseguida e gravemente ferida pelo terrificante "dragão" - é a mais triste de todas as princesas:

"És Aquela que tudo te entristece,
Irrita e amargura, tudo humilha;
Aquela a quem a Mágoa chamou filha;
A que aos homens e a Deus nada merece.
(...)
És ano que não teve Primavera...
Ah! Não seres como as outras raparigas
Ó Princesa Encantada da Quimera!..."
(“O Que tu És”-p.75)

Portanto, o arquétipo que, a meu ver, predomina no Livro de Soror Saudade, é uma diferenciação daquele que vejo como suporte do Livro de Mágoas, justificada unicamente pela intensificação da dor.

A heroína gradualmente transfigura-se, e, aos poucos, a coroa de pedras preciosas e a levíssima roupa de princesa são substituídas pelo negro burrel de Soror Saudade.

Novamente recorrendo à mitologia, posso observar que a imagem de Soror Saudade muito se assemelha à figura de Deméter - a Grande Mãe ou deusa-mãe que, segundo a lenda, é uma divindade ctônica responsável pela fertilidade da terra.

A dor transfigura Florbela, e a "Maria das Quimeras" assume, inevitavelmente, um novo aspecto: a soturna região onde agora habita a "Princesa Desalento" - a triste Soror Saudade -, não é compatível ao castelo de mármore da "Princesa Encantada da Quimera".

A heroína passa a ser, então, a deusa-mãe nômade que vagueia pelo mundo em busca de Perséfone - a filha querida que fora raptada por Hades, deus dos Infernos. Sendo assim, parece-me que o mito demeteriano está em conformidade com o conflito característico de toda a poética de Florbela, uma vez que o Hades representa a realidade imediata e usurpadora - responsável pela quebra da fantasia -, enquanto Perséfone simboliza todos os amores, sonhos e anseios da poetisa.

No supremo desespero da mãe que perde uma filha, Florbela dirige-se - como que se exilando voluntariamente - a um lugar cujo aspecto nos permite ter uma noção da intensidade de sua mágoa: o claustro de Soror Saudade.

O enclausuramento significa a introspecção, isto é, o isolamento dentro

de si própria e a renegação do mundo exterior, num manifesto ato de "Renúncia":

"A minha mocidade outrora eu pus
No tranquilo convento da Tristeza;
Lá passa dias, noites, sempre presa,
Olhos fechados, magras mãos em cruz...
(...)
Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!
Empalidece mais! E, resignada,
Prende os teus braços a uma cruz maior!" (p.99)

No entanto, a perscrutação do seu próprio interior permite à poetisa o reconhecimento de sua natureza mais profunda, tornando-a consciente do mágico poder metamorfoseador da maternidade universal³, ou seja, da capacidade - inerente à Grande Mãe - de conduzir o mundo todo às profundezas de seu próprio ser, e depois trazê-lo de volta ao exterior, absolutamente recriado.

Os seres que então ressurgem do ventre materno são tão grandiosos quanto a deusa-mãe que os gerou - e Florbela pode, assim, reencontrar o seu "Prince Charmant", agora renovado e digno de seu amor. Trata-se, evidentemente, da percepção da possibilidade de transformar o mundo através da assunção do papel de Grande Mãe, que, significativamente, parece bastante propício à acomodação da figura de Soror Saudade.

Ora, isto significa simplesmente que, ao se transformar em Soror Saudade, Florbela transforma-se, simultaneamente, na mãe ctônica que tem o poder de criar e recriar o mundo, à sua maneira e à sua própria semelhança, compensando, assim, a infinita angústia da poetisa:

"Viver!...Beber o vento e o sol!...Erguer
Ao Céu os corações a palpitar!
Deus fez os nossos braços pra prender,
E a boca fez-se sangue pra beijar!

A charra, sempre rubra, ao alto, a arder!
Asas sempre perdidas a pairar,
Mais alto para as estrelas desprender!...
A glória...A fãra!...O orgulho de criar!..."
("Exaltação"-p.108)

Quanto à poesia de Charneca em Flor, creio que tem por base o arquétipo de Afrodite - a deusa-sedutora, que tanto pode ser Urânia como Pandêmia, reunindo em si todos os opostos: o bem e o mal, o amor puro e o vulgar, a salvação e a perdição.

Tenho a impressão de que, na Charneca, Florbela tende a implicitar o paradoxo como sendo a maneira ideal de se atingir a solução satisfatória de todos os

conflitos, através da conciliação de todos os contrários.

A Afrodite da charneca tem, portanto, como a lança de Aquiles, o poder de ferir e de curar, ou, como o sangue da cabeça de Medusa, pode ser veneno mortal e instantâneo, bem como remédio capaz de ressuscitar os mortos.

E a conscientização destes dotes naturais permite, à poetisa, a obtenção de toda a energia necessária para seduzir o grande Amor-que, na verdade, é a imagem de si própria -, e, em seguida, sacrificá-lo para fazê-lo renascer como um ser semidivino, e, portanto, equiparável à feiticeira arorosa. Assim, vejo em Charneca em Flor a representação de um autêntico ritual de iniciação, onde a sacrífice proporciona aos iniciandos o divino renascimento.

No entanto, para obter o resultado desejado seria necessário que Florbela assumisse uma nova persona, e transformasse o excessivo misticismo de Soror Saudade no aliciante erotismo da Vênus sedutora - exatamente o que ela faz em "Charneca em Flor":

"E, nesta febre ansiosa que me invade,
Dispo a minha mortalha, o meu burel,
E já não sou, Aror, Soror Saudade..." (p.113)

Creio ser digna de nota, aqui, a íntima relação existente entre um arquétipo e outro: o poder criador da Grande Mãe - Soror Saudade - não se esgota, sendo transferido para Afrodite - a bárbara sedutora da charneca - que, por sua vez, o exerce através de suas seduções metamórficas. Muda-se apenas o pano de fundo poético, pois que o misticismo da deusa-rãe é substituído pelo transbordante erotismo da deusa-sedutora.

Porém, tendo-se em conta a junção dos opostos, percebe-se que Florbela não poderia ser apenas a sacrífice, mas teria que ser, também, a sacrificada.

E, de fato, a sacrífice acaba por se tornar a sacrificada, já que o milagre de suas metamorfoses - sua varinha de condão - mostra-lhe o mundo maravilhoso da fantasia, mundo que ela não pode compatibilizar com aquele real em que vive.

Toda a atividade da deusa-sedutora está nitidamente descrita na Charneca em Flor, e tem-se até mesmo a impressão de que são rigorosamente cumpridas, aí, as etapas de um verdadeiro ritual de iniciação. Veja-se, por exemplo, que, primeiramente, Florbela apresenta-se ao iniciando - cheia de intenções sedutoras - como a princesa do "Conto de Fadas":

"Dou-te, comigo, o mundo que Deus fez!
- Eu sou Aquela de quem tens saudade,
A princesa do conto: 'Era uma vez...' " (p. 118)

Não resistindo à tentação, ele se aproxima da sacrífice que, desta vez, entrega-se voluptuosamente:

"Meu Aror! Meu Arante! Meu Arigo!
Colhe a hora que passa, hora divina,
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Aror, a cinta esbelta e fina...
Pele doirada de alabastro antigo...
Frágeis mãos de madona florentina...
- Vamos correr e rir por entre o trigo!"
(*"Passeio ao Campo"* - p. 121)

Mas o ato da sedução deve ser acompanhado de uma completa transformação do iniciando, mesmo que, para isso, a sacrífice tenha que ser a sacrificada - a "Crucificada":

"Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei-de poisar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém.

E depois...Ah! Depois de dores terranhas
Nascerás outra vez de outras entranhas,
Nascerás outra vez de uma outra Mãe!" (p. 140)

E note-se que a deusa-sedutora é insaciável:

"Eu quero arar, arar perdidamente!
Arar só por arar: Aqui...além...
Mas Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Arar! Arar! E não arar ninguém!" (*"Arar!"* - p. 137)

O ritual aroroso completa-se quando a sacrífice, não podendo adaptar suas fantásticas transformações à sua realidade social irredutível, sente-se mutilada e transforma-se na sacrificada.

Só que o renascimento de Florbela é absolutamente divino, e a incompreensão geral de sua alma só poderia mesmo fazer com que ela lamentasse a limitação da capacidade humana:

"O aror dum horror? - Terra tão pisada,
Gota de chuva ao vento baloiçada...
Um horror? - Quando eu sonho o aror de um Deus!..."
(*"Ambiciosa"* -p. 139)

Tratando-se de Reliquiae, tenho a impressão de que há, aí, uma comun união dos três arquétipos precedentes, cujo resultado é o aparecimento de um arquétipo diferenciado que pode ser simbolizado por uma divindade alegórica: a Velhice.

A Velhice surge no exato momento em que a poetisa, ao completar sua escalada da montanha da vida, inverte seus valores⁴ principais, a fim de descer pelo outro lado e ter por cumprida sua difícil tarefa divina: a de subir e descer a gigantesca montanha.

Parece haver, portanto, um alcance da plenitude da vida através da união dos contrários, até mesmo no que diz respeito às direções a serem seguidas: a ascensão e o declínio formam uma só curva. Florbela se propõe a descer a montanha, mas não prescinde dos conhecimentos que a subida outrora lhe proporcionou, ou seja, ao encaminhar-se para o futuro, a Velhice não renega as riquezas do passado.

Utilizo a metáfora da montanha numa tentativa de elucidação do movimento bidirecional que a poetisa parece descrever em Reliquiae: a regressão ao passado é compensada pela valorização da morte como expectativa para o futuro.

Devo notar, no entanto, o privilégio da poetisa perfeita: fazer com que a descensão seja também uma ascensão, na medida em que as recordações do passado proporcionam uma real elevação do espírito. E é exatamente nessa descensão de cunho ascensional que o ciclo arquetípico se faz evidente, pois que a deusa Velhice transformase na Princesa Encantada do Livro de Magoas:

"Vejo-te só a ti no azul dos céus,
Olhando a nuvem de ouro que flutua...
Ó minha perfeição que criou Deus
E que num dia lindo me fez sua!
(...)
Deixa-me andar assim no teu caminho
Por toda a vida, Amor, devagarinho,
Até a Morte me levar consigo..."
("O Meu Desejo" -p. 188)

O impulso regressivo é suficientemente forte para permitir que, mais uma vez, entre em cena a consternada Soror Saudade, deixando transparecer, no "Um que se perdera no caminho", aquela mesma Perséfone cuja perda era tão amargamente sentida pela Grande Mãe:

"Soror Saudade olhou...Que olhar profundo
Que sonha e espera?...Ah! como é feio o mundo,
E os homens vão! - Então, devagarinho,

Soror Saudade entrou no seu convento...
E, até morrer, rezou, sem um lamento,
Por Um que se perdera no caminho!..."
(“Último Sonho de Soror Saudade” -p.198)

E quando a velha sábia de Reliquiae revive os eróticos rituais da sedutora da Charneca, completa-se o ciclo arquetípico e consagra-se a obra da poetisa-deusa:

“Silêncio, meu Amor, não digas nada!
Cai a noite nos longes donde vim...
Toda eu sou alma e aror, sou um jardim,
Um pátio alucinante de Granada!

Dos meus cílios a sombra enluzada,
Quando os teus olhos descem sobre mim,
Traça trêmulas hastes de jasmim
Na palidez da face extasiada!
(“Blasfêmia” -p.183)

Mas, como já foi dito, em Reliquiae a descensão ao passado é compensada pela descensão ao futuro que, em termos metafóricos, significa a verdadeira descida da montanha, ou seja, a descensão por via prospectiva e não por via regressiva.

Ora, se a descensão ocorresse apenas por via regressiva, a Velhice não seria uma deusa, mas sim uma velha covarde, tentando desesperadamente agarrar-se a um passado remoto. No entanto, nota-se que não é esta a postura de Florbela em Reliquiae, uma vez que a tendência regressiva, que ela aí imprime à sua poética, não representa apenas uma inebriante recordação do passado, mas também uma conscientização de sua própria superioridade, relativamente àqueles que a cercam, conscientização que, vigorosamente, a impele na direção do seu inevitável futuro: a morte .

O passado torna-se, então, o principal indutor da poetisa ao futuro - numa trágica conciliação dos opostos -, e o desejo da morte passa a ser motivo poético:

“Deixai entrar a Morte, a Iluminada,
A que ven pra mim, pra me levar.
Abri todas as portas par em par
Como asas a bater em revoada.”
(“Deixai entrar a Morte” -p.200)

E assim como transformou em ascensão a descensão ao passado, Florbela

faz da descida ao futuro uma elevação, na medida em que a morte é considerada a grande libertadora, capaz de quebrar o encanto da Princesa:

"Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-re os olhos que já viram tudo!
Prende-re as asas que voaram tanto!

Vim da Moirara, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera...quebra-re o encanto!"
(“À Morte” -p.202)

Analisando-se conjuntamente todos os arquétipos, torna-se patente sua interligação: se a Grande Mãe é a própria Princesa Encantada, transfigurada pela dor, Afrodite representa, por sua vez, uma união da ardente princesa com a maternal Soror Saudade, já que consegue ser, simultaneamente, mãe, amante, amiga e irmã, enquanto a Velhice tende a ser a fusão das três imagens precedentes, concedendo a Florbela a capacidade de percepção cósmica que lhe permite o conhecimento de todos os pontos do universo: o alto e o baixo, o passado e o futuro, o exterior e o interior, a forma e o conteúdo.

Além disso posso notar que a fusão de todos os arquétipos tende a formar uma imagem arquetípica sincrética: a da mulher-deusa.

Ora, a Princesa Encantada atua realmente como uma deusa guerreira em busca de seu “Prince Charmant”, enfrentando monstros e dragões, enquanto a Grande Mãe, ou Soror Saudade, é absolutamente divina em sua parturição do mundo.

Por outro lado, a deusa da charneca - Afrodite - tem a faculdade de sublimar o mundo através de suas seduções retaróricas, ao passo que a velha sábia de Reliquiae consegue expandir ao infinito a sua cosmovisão.

Tendo em vista a imagem da mulher-deusa, implícita na poética de Florbela, e levando em conta a opinião do erudito C.G.Jung⁶, segundo a qual os arquétipos que aparecem nas obras dos grandes artistas representam, quase sempre, uma compensação à unilateralidade do espírito da época à qual pertence cada artista individual, estou realmente propensa a considerar toda a sua poesia como uma legítima reação à realidade sócio-cultural do Portugal do início do século XX.

Sabe-se que nesta época o âmbito do feminino era injustamente reduzido, e as mulheres eram implacavelmente subjugadas por uma despótica cultura masculina, a ponto de provocar a reação de algumas mulheres sensatas que, aproveitando as brechas da recém-implantada República em Portugal - refiro-me ao ano de 1910 -, organizaram um movimento de cunho nitidamente feminista⁷, a fim de reivindicar os direitos da mulher portuguesa, direitos que estavam sendo vergonhosamente desacatados.

Sendo assim, parece-me que os arquétipos conferem à poesia de Florbela o valor de um grito desesperado cujo sentido mais profundo é uma rigorosa repreensão

ao espírito de sua época, quando todas as mulheres portuguesas⁸ eram injustamente inferiorizadas, marginalizadas e, não raro, usadas como meros objetos.

A iragem poética da mulher-deusa evidencia as reais qualidades femininas, que não estavam sendo devidamente consideradas pela sociedade da época em que viveu Florbela.

Aliás, a tônica da poética de Florbela - a dor - parece ser consequência da marginalização da mulher pela sociedade, de maneira geral, ou seja, a dor é decorrente, sob muitos aspectos, das dificuldades sociais que se impõem ao chamado sexo fraco - o que me leva diretamente à constatação de que a condição feminina está profundamente enraizada na poesia em questão.

A simbólica exaltação da mulher - que acompanha, passo a passo, todo o percurso poético de Florbela - parece querer transmitir a todas as mulheres uma importante mensagem: a mensagem de uma Mulher que, aparentemente egocêntrica, jamais deixou de lutar, à sua maneira, pela justiça e pela valorização da condição feminina.

NOTAS

1. Neste ensaio tratarei exclusivamente de quatro livros da poetisa - Livro de Mágicas (1919), Livro de Soror Saudade (1923), Charneca em Flor (1930) e Reliquiae (1931) -, deixando para outra ocasião a investigação de seus poemas inéditos, recentemente publicados.
2. ESPANCA, Florbela - "Em Busca do Amor" - Sonetos. São Paulo, Difel, 1984, p.67. Usarei esta edição para a citação dos poemas seguintes.
3. O dote da maternidade universal, do qual Florbela não prescinde em sua poética, equivale a uma tentativa de arenizar o sentimento de solidão, através da recriação de seres sublimes, dignos do seu amor e da sua admiração. No que diz respeito a esta tendência da poetisa, considero esclarecedora a opinião de Maria Lúcia DAL FARRA, em "A Condição Feminina na Obra de Florbela Espanca" (Revista EPA-Estudos Portugueses e Africanos, nº5, Campinas, Unicamp, 1985, pp.111-122): "Trata-se de um gesto corvoente para resgatar a alma perdida e atormentada, de uma capacidade de aliar as coisas da terra ao lugar do mais profundo íntimo, de uma trajetória tanto de recondução do mundo ao útero quanto de doação da própria intimidade ao cosmos, num trânsito que pretende indicar o secreto parentesco entre o dentro e o fora e que tende a recriar o mundo como uno." (p.118)
4. A inversão dos valores é um fato psicológico explicado por C.G. JUNG (A Natureza da Psique. Petrópolis, Ed.Vozes, 1984), por meio de um pensamento analógico: "Suponhamos um Sol dotado de sentimentos humanos e de uma consciência humana relativa ao momento presente. De manhã, o Sol se eleva do mar noturno do inconsciente e olha

para a vastidão do mundo colorido que se torna tanto mais amplo, quanto mais alto ele ascende no firmamento.

O Sol descobrirá sua significação nessa extensão cada vez maior de seu campo de ação produzida pela ascensão e se dará conta de que seu objetivo supremo está em alcançar a maior altura possível e, conseqüentemente, a mais ampla disseminação possível de suas bênçãos sobre a terra. Apoiado nesta convicção, ele se encaminha para o zênite imprevisível - imprevisível, porque sua existência individual e única é incapaz de prever o seu ponto culminante.

Precisamente ao meio-dia, o Sol começa a declinar e este declínio significa uma inversão de todos os valores e ideais cultivados durante a manhã. O Sol torna-se, então, contraditório consigo mesmo. É como se recolhesse dentro de si seus próprios raios, em vez de emití-los. A luz e o calor diminuem e por fim se extinguem." (pp.346-347)

5. Considerando a poesia de Florbela sob o ponto de vista psicológico, vejo que as tendências da poetisa estão de acordo com a opinião de C.G.JUNG (Op.Cit.): "Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola e nasce a morte." (pp. 359-360)
6. Eis o que diz C.G.JUNG (O Espírito na Arte e na Ciência. Petrópolis. Ed.Vozes, 1985), a respeito da função dos arquétipos nas obras de arte: "Todas as épocas têm sua unilateralidade, seus preconceitos e males psíquicos. Cada época pode ser comparada à alma de um indivíduo: apresenta uma situação consciente específica e restrita, necessitando por esse motivo de uma compensação. O inconsciente coletivo pode proporcionar-lhe tal instrumento, mediante o subterfúgio de um poeta ou de um visionário, quando este exprime o inexprimível de uma época, ou quando suscita, pela iragem ou pela ação o que a necessidade negligenciada de todos está almejando (...)." (p.87)
7. Como autênticas feministas desta época posso citar Ana de Castro Osório, Maria Velleda, Adelaide Cabete, Virgínia de Castro e Almeida, Alice Pestana (Caiel) e outras.
8. Devo dizer, aqui, que a precariedade da condição feminina, na época de Florbela, não era exclusividade de Portugal.